

D. Risoleta é ovacionada em São Paulo

EXPEDITO FILHO
Enviado Especial

Eram 11h40min. A massa, calculada em mais de 500 mil pessoas, chorava, cantava o Hino Nacional, puxava em coro palavras de ordem ("um, dois, três, quatro, cinco mil, Tancredo continua Presidente do Brasil") e fixava todos os olhares na direção da urna fúnebre que, naquele momento, era introduzida no boeing da Força Aérea Brasileira por soldados das Três Armas. Mais atrás, uma mulher, uma grande mulher, de repente furtou, com gestos simples e firmes, a atenção dos angustiados paulistas. Ela, depois de chegar ao último degrau do avião, olhou com dignidade e generosidade para a multidão, levantando e, em seguida, contraindo a mão direita contra os lábios num suave e lento beijo que poucos ouviram e todos sentiram. A resposta foi imediata e veio embalada por um coro de lágrimas e acenos com lenços brancos: "Risoleta, Risoleta, Risoleta...".

Assim, dona Risoleta Neves, vestida com um tailleur preto, despediu-se de São Paulo. Mesmo com todo o sofrimento vivido nos 38 dias de agonia do presidente eleito Tancredo Neves, ela mostrou para uma multidão perplexa que, apesar de tudo, ainda havia esperanças. Enquanto o povo derramava o pranto mudo que silenciou São Paulo, dona Risoleta Neves, nas escadas do avião da FAB, tinha fôlego e dignidade, para, com as duas mãos apertadas e erguidas, demonstrar que não saiu derrotada da Unidade de Terapia Intensiva do Instituto do Coração. A vitória estava ali na sua frente: era a grande corrente de solidariedade popular, que se formou pelo restabelecimento do homem que conciliou a Nação.

Da mesma forma que foi confortador toda a força demonstrada por dona Risoleta, também a emocionante participação popular não ficou atrás. O adeus, dado ontem de uma forma espontânea e amadurecida pelos paulistas, provocou lágrimas nos jornalistas que, desde os primeiros momentos de crise do Presidente eleito, se limitavam engolir em seco, com um nó na garganta, abafando os arrepios revelados pelo conhecimento da real situação de Tancredo Neves. Enfim, ali, no frio mezanino de autoridades do aeroporto de São Paulo, esquecemos, por alguns minutos, o zelo profissional e choramos como

qualquer cidadão brasileiro.

A situação não permitia, felizmente, uma reação diferente. Afinal, como na campanha das diretas já, e na de Tancredo Neves para o Colégio Eleitoral, mais uma vez o povo tomava conta das ruas. A chegada do carro do Corpo de Bombeiros, trazendo a urna do Presidente eleito coberta pela Bandeira Brasileira, fazia retornar à memória o colorido das diretas. Lá estavam o amarelo, o verde e até mesmo as bandeiras vermelhas para espanto dos que apostavam no golpismo. Eram 11h20min, quando o povo, evoluindo como uma grande serpente formada de massa humana, se contorcia na avenida Rubem Berta, em meio aos policiais que tentavam garantir a segurança. Alguns mais exaltados se desesperaram, provocando início de pânico. Motoqueiros abriam alas para o caminhão que, lentamente, avançava em direção ao aeroporto. Nas marquises, terraços e janelas dos prédios próximos, pessoas aplaudiam e repetiam os acenos. Uma salva de 21 tiros de canhão explodiu, abafada, nos últimos minutos de São Paulo. A hora era de cantar: "Está chegando a hora..." Lenços, milhares de lenços e toda uma excitação, provocada pela melancolia do fato consumado às 22h23min do dia 21 de abril, preocupa os policiais. A polícia especial da Aeronáutica se movimentou e ocupou pontos estratégicos. Temia-se a invasão do aeroporto.

As 11h40min o carro do Corpo de Bombeiros chegou à pista do aeroporto. Atrás, dona Risoleta Neves, o neto Aécio Neves e a filha Maria do Carmo. "O povo unido jamais será vencido", repetiam os populares. A urna é retirada por seis soldados (dois de cada arma), e levada para o interior do avião. O Hino Nacional começa a ser cantado pelo povo. Acompanhada do governador Franco Montoro e do cardeal arcebispo Dom Evaristo Arns, Dona Risoleta sobe as escadas, beijando a todos. As 11h45min, as portas do avião foram fechadas. O povo corre e procura a melhor trincheira para ver seu Presidente. O avião toma altura, enquanto os lenços continuam sendo acenados; no final, enquanto a multidão se dispersava, grupos isolados tomavam a discussão sobre os destinos da Nova República. E o presidente José Sarney, vai dar conta do recado? A dúvida permaneceu no ar, refletida na expressão das pessoas. A expectativa é muito grande.